

O PROBLEMA DA ALTERIDADE ENTRE DEUS E MUNDO EM LEIBNIZ

Aluno: Felipe de Andrade e Souza
Orientador: Déborah Danowski

Introdução

O que buscamos investigar nesta pesquisa foi a idéia de Leibniz de derivar de termos simples e indefiníveis todo um universo de termos complexos, os únicos termos acerca dos quais, de acordo com a sua lógica, juízos analíticos são possíveis. Segundo a interpretação que Leibniz dá a tais idéias lógicas, os termos simples, dos quais tudo o mais deriva, são os atributos de Deus. E, de acordo com ele, tudo o mais que existe tem sua realidade derivada, de alguma forma, destes termos simples. Estudar como se engendram dos termos simples primitivos, que são os atributos de Deus, algo diferente deste ser era o que visamos nesta pesquisa.

Objetivos

Compreender as concepções lógicas que subjazem, às vezes de maneira oculta, mas que dão subsídios às teses leibnizianas acerca de uma dependência de todo ente concebível (substâncias individuais, entes matemáticos, seres materiais etc), seja em sua mera possibilidade ou em sua efetiva existência, em relação a um ente originário e absoluto.

Metodologia

Um dos motivos inspiradores desta pesquisa estava ligado à concepção leibniziana da criação e, de maneira mais geral, à noção de que todos os entes, seja em sua mera possibilidade ou em sua efetiva realização e existência, dependem e derivam de um ente originário e absolutamente perfeito.

Desta maneira, em importantes textos, como no *Discurso de Metafísica* §8, Leibniz expressa a opinião de que, exceto no caso das proposições puramente idênticas (onde o termo predicado e o termo sujeito são expressamente iguais, $A \text{ é } A$), é da natureza das proposições verdadeiras que o termo predicado esteja contido no termo sujeito. Assim, como formula Bertrand Russell, em um juízo analítico, em que o predicado está contido no sujeito, o sujeito é definido por um certo número de predicados, sendo que um ou mais desses predicados são selecionados para a atribuição em um juízo analítico. Desta maneira, exceto no caso das puras identidades ou tautologias (p.e, $A \text{ é } A$), o sujeito deve ser sempre complexo, isto é, o sujeito é um conjunto de atributos e o predicado é parte desse conjunto.

Gilles Deleuze, comentando a noção leibniziana de definição, diz que uma definição explica a identidade de um termo (o definido) por pelo menos dois outros termos (os definidores ou razões). Por sua vez, a análise de um termo seria aquela operação que substituiria o termo definido por sua definição, isto é, pelo conjunto de atributos ou predicados definidores daquele termo, para assim poder descobrir uma inclusão, uma identidade virtualmente implicada em uma determinada proposição que envolvesse o respectivo termo.

Ora, todo termo complexo é definível ou analisável por meio de outros termos, seus definidores. Só é possível um juízo analítico de um termo complexo, pois só estes são

definidos por meio de outros termos, e isto implica que podem ser analisados em suas definições.

Diante destas circunstâncias, Leibniz reconhece em diversos textos, por exemplo na *Monadologia* §33, 34 e 35, que tal concepção envolve uma exigência de termos simples, indefiníveis. Como formula Russell, sem termos indefiníveis, ou se vai ao infinito postulando termos que nunca são inteligíveis por si mesmos, ou se cai em um círculo vicioso.

Ora, Leibniz nos diz com frequência, por exemplo nas *Meditações sobre o conhecimento, a verdade e as idéias*, que um conhecimento perfeitamente adequado, que leve a análise de todas as noções envolvidas até os termos indefiníveis que ela necessariamente envolve, se não é impossível para o homem, é, ao menos, muito difícil e provavelmente nunca foi realizado.

Entretanto, apesar de tais advertências, ele nos diz que os indefiníveis, únicos termos inteligíveis por si mesmos e não por meio de outros termos, dos quais tudo o mais que seja passível de análise depende, são os atributos de Deus, suas perfeições.

Diante deste quadro geral da teoria investigada, uma concepção sobre a natureza das proposições, uma concepção acerca da noção lógica dos termos correspondentes a Deus, e aos demais entes, uma concepção sobre que tipos de proposição são possíveis acerca de um e outro tipo de ente, enfim, organizamos nossa pesquisa, de acordo com três partes principais, a saber: uma primeira parte, na qual buscamos precisar o significado de termos frequentemente utilizados por Leibniz relacionados a este tema, tais como perfeição, imperfeição, ente, privação, nada, limitado e etc. Uma segunda parte, em que analisamos o texto de Bertrand Russell sobre o nosso problema, e discutimos suas formulações das teses de Leibniz, suas críticas a elas, a pertinência e a validade de suas colocações e comentários. Finalmente, em uma terceira parte de nosso trabalho, discutimos a formulação de nosso tema de acordo com a obra de Gilles Deleuze sobre o assunto, onde realizamos um movimento similar àquele realizado na segunda parte, de discussão sobre críticas, formulações de teses, problemas textuais e etc.

Conclusões

Como resultado de nosso trabalho, construímos análises das formulações das teses leibnizianas estudadas, mapeamos seus problemas textuais, lógico-conceituais, ou de possível ambiguidade textual. Quando possível, fizemos comentários próprios acerca dos problemas encontrados e, enfim, de posse deste material e da análise de significados de termos, passamos a uma síntese da pesquisa.

Referências

- 1 – DELEUZE, G. **A dobra: Leibniz e o barroco**. 3ed. Campinas: Papyrus editora, 1991
- 2 – LEIBNIZ, G. **Discurso de metafísica, monadologia e outros textos**. 1ed. São Paulo: Abril cultural, 1979.
- 3 – RUSSELL, B. **A filosofia de Leibniz: Uma exposição crítica**. 5.ed. São Paulo: Editora da USP, 1968